MONUMENTOS À IMIGRAÇÃO: AS SEDES DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS NO RIO DE JANEIRO, EM INÍCIOS DO SÉC. XX

Vitor Manoel Marques da Fonseca

INTRODUÇÃO

No 1.º Seminário Internacional sobre a Imigração Portuguesa para o Brasil, realizado no Rio de Janeiro em novembro de 2005, apresentei a comunicação "Associativismo português no Rio de Janeiro, 1903-1909"[1]. Nesse trabalho, aproveitando dados coletados para elaboração de tese de doutorado acerca do associativismo no Rio de Janeiro entre 1903 e 1916, traço um quadro de associações de portugueses e de influência portuguesa que detinham personalidade civil de acordo com a legislação da época, investigando suas características e objetivos, fundadores e dirigentes, e tentando identificar ligações entre os dois tipos de associação, de modo a verificar como interagiam os imigrantes com a sociedade brasileira.

Este texto mantém o objetivo de auxiliar na reconstituição do cenário das associações lusitanas na Capital Federal, mas, agora, combinando, principalmente, dados obtidos na pesquisa de doutoramento com dados censitários, mapas e fontes iconográficas de prédios, alguns ainda hoje existentes, usados como sedes dessas agremiações. A idéia básica é investigar até que ponto as sedes, por sua localização e configuração arquitetônica, serviram simultaneamente aos objetivos do grupo e funcionaram como monumentos à imigração portuguesa e aos valores lusitanos presentes na cultura brasileira, o que muitas continuam sendo ainda hoje, quando as sociedades que as possuíram já não têm a mesma força ou foram extintas.

Os limites cronológicos deste trabalho são 1903 e 1912, a primeira data advinda do ano inicial da documentação de minha principal fonte documental, os dossiês de registro de sociedades civis do 1.º Ofício do Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, e a última determinada pelo estágio atual da pesquisa principal. Dessa fonte foi possível obter dados sobre as associações organizadas com personalidade civil, suas características principais e endereços de suas sedes. A existência de censos em 1890, um específico para a cidade do Rio de Janeiro em 1906 e o geral de 1920[2] permitiu relacionar os dados das associações com os dados gerais sobre a colônia portuguesa na cidade, o que

pôde ser visualizado espacialmente a partir de três mapas de anos próximos aos dos censos e do período cronológico abrangido[3]. Para as imagens fotográficas de época aqui reproduzidas, recorreu-se a uma importante obra sobre os portugueses no Brasil realizada na década de 1920[4]. Para as demais, cuidou-se de fotografar *in-loco* prédios ainda hoje existentes na cidade.

A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL

Durante todo o séc. XIX e boa parte do séc. XX, o Brasil foi o principal destino da imigração portuguesa e a colônia portuguesa sempre a maior[5]. Em termos geográficos, o Rio de Janeiro foi o principal porto de desembarque, "[...] por muito tempo, a segunda maior cidade portuguesa no mundo"[6].

O censo de 1872 estimava que os portugueses constituíam 2/3 da população estrangeira presente na Corte. Em 1890, os portugueses correspondiam a 24% de toda a população do Distrito Federal e representavam 68% de toda a população estrangeira que nele habitava. O recenseamento de 1906, voltado exclusivamente para o Rio de Janeiro, afirma que os portugueses atingiam 1/5 da população. Haviam, portanto, diminuído em termos de sua expressão no total dos habitantes, embora houvessem aumentado sua participação entre os estrangeiros, alcançando então 71% destes. Em 1920, eram 15% da população carioca, um pouco menos do que em 1906, mas mantinham a proporção de 71% em relação à da população estrangeira.

Em 1920, a superioridade numérica dos portugueses frente aos cidadãos de outras nacionalidades era de tal monta que, expressa como foi no censo daquele ano em termos de estatura humana[7], os lusos são apresentados como gigantes e os demais povos como lilliputianos minúsculos ou mesmo microscópicos.

A representação gigantesca da presença de portugueses no Brasil ocorre numa conjuntura de forte discussão sobre o caráter do brasileiro e dos problemas ou vantagens que advinham da origem lusitana do Brasil. Independentemente de se considerar essa origem um atributo positivo ou negativo, era inegável a preponderância de portugueses, e que assim continuavam, por seus filhos e netos, a formar a sociedade brasileira.

OS PORTUGUESES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Os censos de 1890, 1906 e 1920 dispõem de quadros distribuindo a população estrangeira da cidade do Rio de Janeiro primeiramente pelas paróquias, depois pelos distritos existentes[8], o que permite visualizar a distribuição dos imigrantes pelo espaço urbano de uma cidade em forte processo de expansão espacial. Para nossa análise, interessam os dados referentes à população portuguesa.

Em 1890, a presença dos cidadãos portugueses estava assim distribuída[9]:

Distribuição de portugueses por paróquias da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1890

PARÓQUIAS	QUANTIDADE	PARÓQUIAS	QUANTIDADE
Candelária	4 037	Gávea	773
São José	11 541	Engenho Novo	4 245
Santa Rita	12 315	Irajá	1 594
Sacramento	8 873	Jacarepaguá	1 079
Glória	8 825	Inhaúma	2 745
Santana	16 173	Guaratiba	424
Santo Antônio	7 070	Campo Grande	1 036
Espírito Santo	6 809	Santa Cruz	646
Engenho Velho	8 155	Ilha do Governador	437
Lagoa	4 852	Ilha de Paquetá	117
São Cristóvão	3 736	**Total**	105 482

Trabalhando com um mapa do Rio de Janeiro de data aproximada[10] e nele marcando somente as paróquias com mais de 4000 portugueses, temos o resultado a seguir:

Em fins da década de 1870, a cidade se ampliava em várias direções – o que denominamos atualmente Zona Sul estava ultrapassando os limites estreitos do Catete e Glória em direção a Botafogo, ao Cosme Velho e à Lagoa; a extensão das linhas de bonde melhorava a circulação para São Cristóvão, Engenho Velho, Catumbi e Rio Comprido pela Zona Norte, além da região da Saúde e Gamboa. Mesmo assim, dessas áreas, apenas em São Cristóvão e no Engenho Velho havia presença de portugueses identificada no Censo.

A análise combinada da tabela acima e do mapa torna evidente que a população portuguesa estava concentrada na área de ocupação mais antiga e mais urbanizada do Distrito Federal. Um número significativo de portugueses já residia na Glória e na Lagoa, enquanto a presença mais significativa na Zona Norte ficava restrita ao Engenho Novo, à paróquia do Espírito Santo (região do atual bairro do Estácio) e ao Engenho Velho, em ordem crescente de importância.

Havia uma pequena presença portuguesa em áreas rurais de ocupação antiga, provavelmente trabalhadores dedicados ao fornecimento de hortifrutigranjeiros à cidade. O número é pequeno e por isso essas áreas não foram marcadas no mapa, mas a mais importante delas era Inhaúma, seguida por Irajá, Jacarepaguá, Campo Grande e finalmente Guaratiba.

Obviamente essa concentração geográfica nas áreas mais urbanizadas está relacionada ao perfil profissional desses imigrantes, em sua maioria operários e trabalhadores do setor terciário, desde ambulantes a condutores de carroças e bondes.

Em 1906[11], os dados apresentam algumas mudanças, conforme quadro a seguir:

Distribuição de portugueses por distritos da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1906

DISTRITOS	QUANTIDADE	DISTRITOS	QUANTIDADE
Candelária	1 734	São Cristóvão	6 440
Santa Rita	11 327	Engenho Velho	6 112
Sacramento	7 549	Andaraí	6 845
São José	10 260	Tijuca	1 454
Santo Antônio	9 071	Engenho Novo	3 452
Santa Teresa	1 474	Méier	3 443
Glória	10 760	Inhaúma	7 995
Lagoa	7 700	Irajá	3 067
Gávea	1 722	Jacarepaguá	745
Santana	8 057	Campo Grande	1 609
Gamboa	10 045	Guaratiba	207
Espírito Santo	9 745	Santa Cruz	314
Total			**132 529**

Uma mudança muito significativa é o aumento do número de imigrantes portugueses, que passou de 105 482 para 132 529, um aumento de 27 047, crescimento percentual de cerca de 25%, indicando que o Rio de Janeiro permanecia exercendo grande atração sobre os portugueses que emigravam.

Dado o grande número de distritos com forte presença lusitana, marcamos no mapa[12] abaixo apenas aqueles com mais de 6 000 portugueses.

As alterações sofridas pela cidade na gestão do prefeito Pereira Passos vão se evidenciar na configuração geográfica da colônia. O "bota abaixo" levou à destruição de uma enorme quantidade de cortiços, cabeças de porco e outros tipos de habitação popular que, embora insalubres, estavam localizados na área

central da cidade, próximos às áreas de comércio, serviço e pequena indústria, regiões de trabalho da população pobre, e que constituíam a principal opção em termos de habitação popular.

Os subúrbios, áreas residenciais e industriais que se constituem ao longo das vias férreas, vão surgir como opções de moradia para essa população pobre que é expulsa do Centro. Ao mesmo tempo, o Centro perdia importância enquanto área de residência, configurando-se cada vez mais como área de decisões políticas e centro econômico, de comércio e de serviços. É interessante observar que algumas das freguesias centrais perdem significativa presença portuguesa, provavelmente por terem sido locais onde as demolições foram mais numerosas. É o caso da Candelária que, em 1906, comportava cerca de 54% da população lusitana que havia tido em 1890.

O mapa demonstra que se o Centro continuava sendo uma área de grande presença demográfica lusa, essa população caminhava cada vez mais para outras áreas, acompanhando o crescimento da cidade.

Uma primeira observação diz respeito às freguesias da Zona Sul, principalmente em áreas de ocupação mais recente. Enquanto na Glória, área mais antiga, a população portuguesa cresceu cerca de 18% entre 1890 e 1906, taxa inferior ao crescimento do número de portugueses na cidade, na Lagoa, freguesia que abrangia os atuais bairros de Botafogo e Copacabana, a taxa de crescimento entre os dois censos foi de cerca de 58,7%. Se considerarmos que esses bairros litorâneos cresceram em grande parte também como áreas de residência mais nobre, é possível supor que uma parcela da população portuguesa que para eles migrava, vivia também um processo de ascensão social.

Mas o que fica mais evidente é que a maior migração da população portuguesa era, como o restante da população, para a Zona Norte e para o subúrbio. Se a freguesia do Espírito Santo, ainda bastante próxima do Centro, passou de 6 809 portugueses em 1890 para 9 745 em 1906, num crescimento de cerca de 43%, e, portanto, muito mais do que a porcentagem total do aumento dos portugueses no período, os números ficam muito maiores e mais eloqüentes, se trabalharmos com as freguesias de São Cristóvão e Inhaúma.

Em 1890, São Cristóvão tinha 3 736 portugueses recenseados, abaixo dos 4 000 que estabelecemos necessários para indicação no mapa. O bairro, que hoje é identificado como um bairro português[13], em 1906, possuía 72,37% mais pessoas dessa nacionalidade do que em 1890.

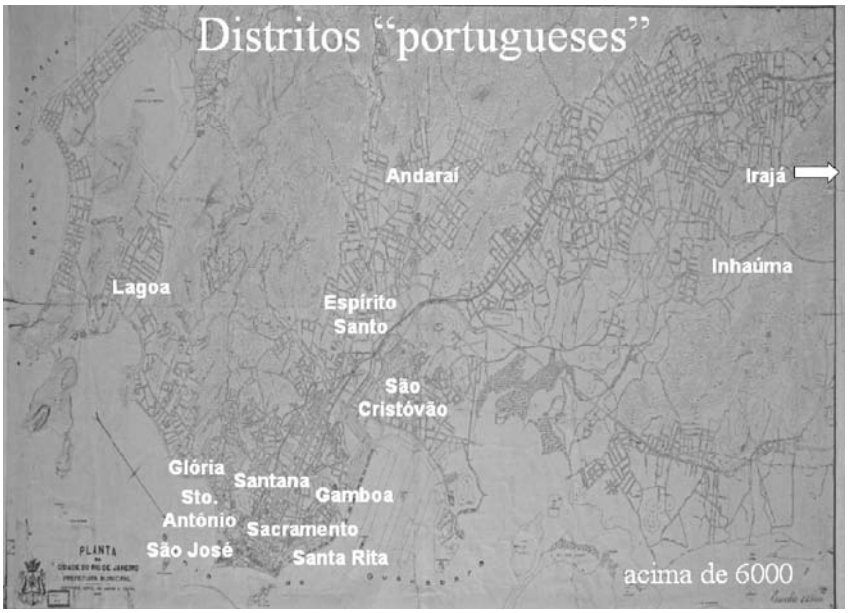
Mas essa porcentagem é pequena quando confrontamos com os números de portugueses em Inhaúma nos dois censos. No primeiro, eram apenas 2 745, bastante abaixo do necessário para marcação no mapa. Em 16 anos, entretanto, a população lusitana quase triplicou, passando para 7 995, numa porcentagem de crescimento de 191,25%. Irajá também passou a ter em 1906 quase o dobro de portugueses, um aumento de exatos 92,4%. O crescimento da população lusa de Inhaúma e Irajá evidencia bem a situação de classe desse segmento da população.

O Censo de 1920[14] apresenta novos dados:

Distribuição de portugueses por distritos da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1920

DISTRITOS	QUANTIDADE	DISTRITOS	QUANTIDADE
Candelária	1 173	Engenho Velho	6 351
Santa Rita	11 419	Andaraí	11 479
Sacramento	8 295	Tijuca	2 042
São José	7 778	Engenho Novo	3 785
Santo Antônio	12 901	Méier	4 761
Santa Teresa	1 347	Inhaúma	13 311
Glória	11 332	Irajá	8 804
Lagoa	8 546	Jacarepaguá	1 396
Gávea	1 946	Campo Grande	3 856
Santana	9 887	Guaratiba	468
Gamboa	14 177	Santa Cruz	582
Espírito Santo	12 262	Ilhas	1 070
São Cristóvão	8 469	Copacabana	3 154
Total			**172 633**

O mapa abaixo[15] representa parte desses dados.



Entre 1906 e 1920, a população de portugueses na cidade cresceu em 40 104 novos imigrantes, percentualmente, cerca de 38%. A análise combinada dos dados do censo com a representação das áreas com maior número de portugueses permite algumas inferências.

Dos 14 distritos com mais de 6 000 portugueses, apenas cinco (Santo Antônio, Santa Rita, Santana, Sacramento e São José) integravam a área do centro da cidade de ocupação mais antiga, cabendo observar, como se verá num quadro mais abaixo, que, excetuado Santo Antônio, os demais perderam portugueses quando comparados os números de 1890 e 1920. A Gamboa, região de maior presença lusa em 1920, embora também na área central, teve sua dinamização a partir das obras no Porto, e só é citada como distrito com forte presença portuguesa no Censo de 1906.

Dos demais oito distritos, dois são da Zona Sul, achando-se o distrito da Glória em sétimo lugar, crescendo 28,4% no período, e, em décimo, o da Lagoa, que, no entanto, crescia 76,13%, muito mais no mesmo período. Os demais distritos presentes eram localizados na Zona Norte (na ordem de crescimento, Andaraí, São Cristóvão e Engenho Velho) e do subúrbio (Inhaúma e Irajá). As grandes revelações são exatamente esses dois últimos: Inhaúma foi o segundo lugar e Irajá o nono em presença de portugueses. Inhaúma cresceu 384,91% no período e Irajá cresceu percentualmente ainda mais, 452,32%. Fica evidente, portanto, que a comunidade lusitana deslocou-se também acompanhando o crescimento da cidade, para a Zona Norte e os subúrbios em busca de habitação barata e crescente oferta de empregos. Parte da comunidade viveu, provavelmente, um processo de ascensão social, passando a residir na área mais nobre da cidade, a Zona Sul, ou foi para lá por empregos, enquanto outra parte permaneceu no Centro, também por proximidade ao trabalho.

O quadro abaixo, comparando as informações por paróquia/distrito e censo, pode permitir outras conclusões interessantes.

Quadro comparativo da distribuição de portugueses por paróquias e distritos da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1890, 1906 e 1920

PARÓQUIA/DISTRITO	1890	1906	1920
Andaraí	–	6 845	11 479
Campo Grande	1 036	1 609	3 856
Candelária	4 037	1 734	1 173
Copacabana	–	–	3 154
Engenho Novo	4 245	3 452	3 785
Engenho Velho	8 155	6 112	6 531
Espírito Santo	6 809	9 745	12 262
Gamboa	–	10 045	14 177
Gávea	773	1 722	1 946
Glória	8 825	10 760	11 332
Guaratiba	424	207	468
Ilha de Paquetá	117	–	–
Ilha do Governador	437	–	–

Cont.

PARÓQUIA/DISTRITO	1890	1906	1920
Ilhas	–	–	1 070
Inhaúma	2 745	7 995	13 311
Irajá	1 594	3 067	8 804
Jacarepaguá	1 079	745	1 396
Lagoa	4 852	7 700	8 546
Méier	–	3 443	4 761
Sacramento	8 873	7 549	8 295
Santa Cruz	646	314	582
Santa Rita	12 315	11 327	11 419
Santa Teresa	–	1 474	1 347
Santana	16 173	8 057	9 887
Santo Antônio	7 070	9 071	12 901
São Cristóvão	3 736	6 440	8 469
São José	11 541	10 260	7 778
Tijuca	–	1 454	2 042
Total	105 482	132 529	172 633

AS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Entre 1903 e 1912 existiam na Capital Federal as seguintes associações portuguesas:

Associações portuguesas e suas datas de fundação

ASSOCIAÇÃO	FUNDAÇÃO
Beneficente Protetora da Colônia Portuguesa	29/06/1884
Associação Port. de Beneficência Memória de Luís de Camões	10/06/1880
Benemérita Sociedade Port. Caixa de Socorros D. Pedro V	31/05/1863
Centro Beneficente da Colônia Portuguesa	24/05/1896
Centro Beneficente dos Monarquistas Portugueses	05/07/1908
Congregação dos Artistas Portugueses	28/09/1883
Fraternidade dos Filhos da Lusitânia	08/07/1882
Grêmio Republicano Português	19/05/1908
Liceu Literário Português	10/09/1868
Liga Monárquica D. Manuel II	–
Real Associação Beneficente dos Artistas Portugueses	26/05/1863
Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência	17/05/1840
Real Centro da Colônia Portuguesa	23/12/1892

Cont.

ASSOCIAÇÃO	FUNDAÇÃO
Real Gabinete Português de Leitura	14/05/1837
Retiro Literário Português	30/06/1859
Sociedade Fraternidade Açoriana	15/08/1881
União e Progresso Protetora dos Cabo-Verdianos	18/08/1907

As informações sobre essas associações foram obtidas no registro por elas realizado, entre 1903 e 1912, no atual 1.º Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro[16], procedimento burocrático fundamental, segundo a legislação da época, para obtenção de personalidade jurídica. Entretanto, desconheço as razões, existiram sociedades que não se registraram nesse período, como as acima com asterisco, que eram já antigas e extremamente importantes junto à comunidade portuguesa e à sociedade brasileira.

Além das sociedades acima, que se caracterizavam por serem integradas e dirigidas somente por portugueses, existiam outras agremiações com forte influência portuguesa, evidenciada até em suas denominações. Também registradas no mesmo Cartório, são as seguintes:

Associação de influência portuguesa e suas datas de fundação

ASSOCIAÇÃO	FUNDAÇÃO	ASSOCIAÇÃO	FUNDAÇÃO
Associação Beneficente Homenagem ao Conselheiro Antônio Enes	29/11/1896	Clube de Regatas Vasco da Gama	21/08/1898
Associação Beneficente Homenagem ao Escritor Português Ramalho Ortigão	21/09/1887	Congregação dos Filhos do Trabalho Dom Carlos I Rei de Portugal	08/04/1883
Associação Beneficente Memória a Dom Afonso Henrique e Serpa Pinto	20/06/1903	Congregação Familiar de Socorros Santa Isabel Rainha de Portugal	31/03/1895
Associação de Socorros Mútuos Açoriana Cosmopolita	01/01/1882	Congresso Beneficente Alto Mearim	15/08/1886
Associação de Socorros Mútuos Dona Maria Pia	12/06/1881	Congresso Beneficente General Cunha	21/04/1900
Associação de Socorros Mútuos Memória a El Rei Dom Sebastião	08/09/1883	Fraternidade Beneficente da Colônia Portuguesa	29/06/1884
Associação de Socorros Mútuos Memória ao Poeta Bocage	07/09/1884	Grêmio Beneficente à Memória de Camilo Castelo Branco	30/05/1884
Associação de Socorros Mútuos Memória Ester de Carvalho	22/01/1884	Real Associação Beneficente Condes de Matosinhos e São Cosme do Vale	15/08/1865
Associação de Socorros Mútuos Memória Restauração de Portugal	15/08/1882	Real Associação de Socorros Mútuos Memória Dom Luís I	10/06/1872
Associação de Socorros Mútuos Vasco da Gama	11/07/1880	Real Sociedade Clube Ginástico Português	31/10/1868

Cont.

ASSOCIAÇÃO	FUNDAÇÃO	ASSOCIAÇÃO	FUNDAÇÃO
Benemérita Loja Capitular Luís de Camões	00/11/1908?	Sociedade Beneficente Anjo da Caridade Maria Pia	05/05/1888
Centro Beneficente D. Amélia – Rainha de Portugal	23/10/1898	Sociedade Beneficente Memória aos Heróis Portugueses do Primeiro de Dezembro de 1640	25/04/1884
Centro Beneficente Homenagem ao Conselheiro Augusto de Castilho	07/01/1902	Sociedade Beneficente Memória aos Heróis Portugueses Rainha Santa Isabel	
Centro Humanitário Mousinho de Albuquerque	01/04/1897	União Social	22/08/1907

Em sua maioria, essas associações são de auxílio mútuo, registraram-se em maior número no ano de 1907, ambas as características semelhantes às das demais associações do período[17].

Para algumas associações que se registraram, dispomos de dados sobre suas sedes, que podem ser endereços completos ou apenas a menção de um prédio ou bairro onde funcionavam. Para os 573 registros de associações junto ao 1.º Ofício no período, dispomos de dados sobre as sedes de 199 associações, das quais 13 são associações portuguesas ou de influência portuguesa. Possuímos também informações quanto a mais duas outras sociedades portuguesas, cujos prédios existem até hoje, a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência e o Real Gabinete Português de Leitura.

Essas associações têm suas sedes no Centro, conforme a tabela e o mapa abaixo[18]:

Associações de influência portuguesa e endereços de suas sedes

ASSOCIAÇÃO	SEDE	BAIRRO
Real Associação Beneficente Condes de Matosinhos e São Cosme do Vale	Buenos Aires (Rua)	Centro
Retiro Literário Português	Carioca (Rua) n. 45	Centro
Associação Beneficente Homenagem ao Escritor Português Ramalho Ortigão	General. Câmara (Rua) n. 295	Centro
Fraternidade dos Filhos da Lusitânia	Hospício (Rua) n. 172 (170) (sede própria)	Centro
Sociedade de Socorros Mútuos Luís de Camões	Luís de Camões (Rua) n. 28	Centro
Benemérita Soc. Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V	Marechal Floriano (Rua)	Centro
Centro Beneficente dos Monarquistas Portugueses	Marechal Floriano (Rua) n. 140	Centro
Real Associação de Socorros Mútuos Memória D. Luís I	Núncio (Rua) n. 20 (sede própria)	
Liga Monárquica D. Manuel II	Passos (Avenida) n.	Centro

Cont.

ASSOCIAÇÃO	SEDE	BAIRRO
Associação Beneficente Memória a D. Afonso Henriques e Serpa Pinto	São José (Rua) n. 122	Centro
Congresso Beneficente General Cunha	São Pedro (Rua) n. 182	Centro
Cong. dos Filhos do Trabalho D. Carlos I Rei de Portugal	Senador Eusébio (Rua) n. 224 (sede própria)	Centro
Associação de Socorros Mútuos Açoriana Cosmopolita	Uruguaiana (Rua) n. 93	Centro
Real Gabinete Português de Leitura	Luiz de Camões (Rua)	Centro
Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência	Santo Amaro (Rua)	Glória

A concentração dessas associações se dá entre a Rua Uruguaiana e a Rua do Núncio, cuja parte constitui a atual Avenida Tomé de Sousa. São exceções a Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, que se situa na Glória, a Associação Beneficente Memória a D. Afonso Henriques e Serpa Pinto, na Rua São José, e a Congregação dos Filhos do Trabalho D. Carlos I Rei de Portugal, na Rua Senador Eusébio, rua que desapareceu em virtude da posterior abertura da Avenida Presidente Vargas.

O Centro, portanto, concentrava as sedes das associações. Dos 199 registros com endereços, onze não tiveram seus bairros identificados. Das demais 188, 135 eram também localizadas nessa área.

O Centro foi, durante muito tempo, uma importante área residencial, o que favorecia o recurso pelo associado à sua agremiação para obtenção dos benefícios que buscava (assistência médica, odontológica, advocatícia, pensões etc.). O mesmo se dava na mão inversa, já que as associações tinham seus integrantes muito próximos, o que facilitava desde a concessão de benefícios até a

cobrança de contribuições. Região de ocupação mais antiga, dispunha também de melhor rede de transportes e, até mesmo para associados residentes em bairros mais afastados, o Centro se constituía como local de fácil acesso, dadas as redes de bondes, trens e mesmo as barcas, fazendo a ligação com Niterói. A área é ainda hoje considerada tão importante que é comum que moradores da Zona Norte ou dos subúrbios se refiram a uma ida ao Centro como uma ida "à cidade", como se seus locais de residência não integrassem esse mesmo espaço urbano.

Um outro importante fator a ser considerado é que essa área, nas primeiras duas décadas do séc. XX, era também centro econômico, local de concentração de indústrias e de estabelecimentos comerciais. Mas o principal é que ela se configurava como o centro das decisões políticas, constituído pelo grande número de órgãos públicos aí sediados – estar próximo fisicamente das autoridades parecia favorecer o bom funcionamento das associações.

AS SEDES ENQUANTO MONUMENTOS

Para todas as associações, o edifício de sua sede testemunhava positivamente a sua confiabilidade. E confiabilidade era um valor fundamental, na medida em que somente assim alguém podia se sentir seguro para pagar contribuições que retornariam como benefícios muitos anos depois ou somente depois da morte do contribuinte, nos casos de auxílios para funeral e luto ou pensões às famílias. Por isso muitas associações chamavam a atenção, em suas publicações, às vezes até com fotos, que possuíam sede própria. Inversamente, se o prédio não constituía motivo de orgulho, anunciava-se tratar-se de sede provisória.

A sede era valorizada pela localização e monumentalidade. Nesse sentido, os materiais de sua construção e os elementos decorativos de sua fachada tinham por objetivo proclamar publicamente os valores da associação e mostrar seu sucesso enquanto agremiação.

As sedes das associações ligadas a nacionalidades funcionavam também como sinais em pedra e cal e, portanto, com a perenidade do imóvel, dos valores da cultura e sociedade de origem. No caso dos portugueses, os prédios de suas associações proclamavam o orgulho de ser português, os valores de caridade, trabalho e honestidade que caracterizariam seus nacionais, além de assinalarem a origem portuguesa da nação brasileira.

As dimensões são aspectos importantes para os prédios se destacarem, seja horizontal ou verticalmente. No primeiro caso, um bom exemplo é o da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, que se espraia em um conjunto de prédios por si só já em plano mais elevado que a rua, ligando-se a esta por monumental escadaria dupla em cantaria, com requintado gradil em serralheria. No plano mais elevado, uma série de estátuas lembram os fundadores da nacionalidade portuguesa, como Afonso Henriques e D. Nuno Álvares Pereira,

e o principal português fundador da nacionalidade brasileira, o descobridor Pedro Álvares Cabral.

No plano da rua, quase funcionando como bases para a grandiosa obra que era a Beneficência Portuguesa, também em número de três, figuram as estátuas da Caridade, da Instrução e de São Roque. A Caridade evoca o acolhimento realizado pelo Hospital e seu caráter de beneficência, a Instrução associa a Instituição com o progresso e a ciência, enquanto São Roque lembra os valores religiosos do Catolicismo, ao mesmo tempo que, por ser o santo protetor contra as pestes, padroeiro dos cirurgiões e dos inválidos, evoca as condições de fundação da associação, numa conjuntura de epidemia no Rio de Janeiro, e o invoca, autoridade maior no plano celestial, como protetor.

No segundo caso, um exemplo extremamente interessante é o prédio do Real Gabinete Português de Leitura. Sua imponência vertical associa a verticalidade à cultura, na medida em que se trata fundamentalmente de uma biblioteca ligada à produção intelectual lusitana, o que mais, do que na fachada, é percebido no seu interior, já que no grande salão de leitura se pode ver, olhando para cima, as estantes plenas de livros, símbolo da pujança intelectual portuguesa. Ao redor do grande salão, estão também os nomes de grandes autores portugueses e placa comemorativa dos centenários de Santo Antônio, marcando que Portugal não só aumentou o mundo material pelas descobertas, como também pela cultura e espiritualidade.

A fachada, em estilo manuelino, não só reafirma a originalidade portuguesa na arquitetura, como é apresenta vários outros símbolos da nacionalidade, como a cruz de Malta, símbolo da Ordem de Cristo e, portanto, da epopéia dos descobrimentos, estátuas de heróis pátrios e mastros, para colocação de diversas bandeiras, entre as quais, nas datas de festa, figuram ainda hoje a portuguesa. O trabalho de serralheria do gradeamento estabelece o limite do terreno do Real Gabinete com a rua, sem, no entanto, separá-lo ou isolá-lo, como para dizer que, embora português, estava integrado à sociedade brasileira.

A verticalidade leva também à construção de sobrados, típica construção do final do séc. XIX e início do séc. XX no Centro, como se pode ver nos exemplos abaixo[19].

Sociedade de Socorros Mútuos
Luís de Camões

Esse tipo de prédio não somente associa o Rio de Janeiro a outras cidades portuguesas, principalmente o Porto, como também é extremamente interessante para uma associação, que geralmente se instala no(s) andar(es) superior(es), por permitir o aluguel comercial da loja e uma fonte extra de renda.

Essa lógica econômica é boa do ponto de vista ideológico, reforçando a idéia do imigrante inteligente, que trabalha com racionalidade, não perdendo a oportunidade de fazer mais produtivo o capital aplicado.

As características já apontadas acham-se presentes em outros exemplos. As fotos abaixo mostram a repetição do recurso ao estilo manuelino, aos símbolos da nacionalidade, como o escudo português (as quinas), a presença dos mastros para os pavilhões de Portugal, do Brasil e da própria associação, os trabalhos requintados de cantaria e serralheria, artes nas quais de destacavam inúmeros artífices portugueses, além de estátuas evocando valores como o da caridade.

Real Associação Beneficente Condes
de Matosinhos e S. Cosme do Vale

Em um dos prédios, o da Real Associação Beneficente Condes de Matosinhos e São Cosme do Vale, sociedade de auxílio mútuo fundada em 15/08/1865, conseguimos acesso a seu interior, podendo fotografar o teto da entrada e o do salão nobre, espaço social por excelência, onde se realizavam as assembléias gerais e as conferências e solenidades patrocinadas pela entidade.

A primeira percepção é a alta qualidade artística, o apuro técnico e qualidade dos materiais. O teto da entrada, em madeira, impressiona quando da subida da escada que dá acesso ao sobrado. No andar superior, para se dirigir ao salão nobre, o visitante havia que se virar, tendo em frente a seus olhos uma placa comemorativa da reforma realizada em 1908, que eternizava os nomes da diretoria que a realizou. Isso nos remete à projeção social que a participação numa diretoria dava aos seus integrantes. De fato, existiam outras associações, principalmente religiosas, em que os diretores pagavam um valor especial, uma jóia extra, para assumirem cargos, demonstrando de maneira cabal que apenas pessoas de sucesso e projeção podiam exercer tais funções. Era uma maneira de dizer que a direção de uma entidade desse tipo era, ao mesmo tempo, um serviço e uma honraria.

O teto do salão nobre é pleno de símbolos que lembram Portugal, Brasil, a comunidade luso-brasileira e os valores da cultura portuguesa e dessa associa-

ção em particular. O medalhão central, que devia ter em seu centro outra luminária, está emoldurado por escudos com as armas dos então Reino de Portugal e da República dos Estados Unidos do Brasil, além de outros com frases edificantes unidos por guirlandas de flores. Nos quatro cantos, luminárias.

As armas das pátrias de origem e de acolhimento acham-se frente à frente, mostrando uma eqüidistância de amor. E para mostrar que não havia uma dominância de uma sobre a outra, como as armas de Portugal eram encimadas por uma coroa, afinal Portugal só deixaria de ser uma monarquia dois anos depois, em 1910, o artista colocou um barrete frígio sobre as armas brasileiras, mantendo assim uma proporcionalidade entre os dois símbolos.

Os demais escudos, evocando a heráldica e imprimindo nobreza aos valores que eles proclamavam, são de naturezas diversas. Vários evocam valores espirituais, dois dos quais recorrem inclusive a textos em latim, associados ao catolicismo e, portanto, com o fervor religioso do português. São eles: "*Gloria in excelsis Deo*" e "*Salve assumpta est Maria in coelum*".

Outros quatro, permanecendo na mesma linha da espiritualidade, são consagrados às três virtudes teologais, a fé, a esperança e a caridade. Três dísticos são mais rebuscados ("A fé afervora o amor do próximo", "A caridade estará onde existir o sofrimento" e "A esperança é o farol da humanidade"), enquanto, para a caridade, será dedicado um texto suplementar que consiste no popular ditado "Quem dá aos pobres, empresta a Deus", como que traduzindo de maneira corriqueira todas as máximas anteriores.

Dois outros textos evocam valores da própria Sociedade. São os casos de "O amor da pátria é tão nobre como o amor da família", que, equiparando esses dois sentimentos, lembra que a pátria nada mais era do que a família ampliada e manifesta o orgulho pela terra portuguesa, e aquele que afirma que "O dia de amanhã é uma esfinge", incerto, apavorante e enigmático, indicando que a participação em uma associação que presta socorros em casos de doença ou invalidez, além de pensões às famílias, é uma precaução necessária. Finalmente, o último dos dísticos eterniza novamente, e no espaço mais nobre do prédio, a importância da diretoria que assumiu a reforma do edifício com o direto "Salve o Conselho Diretor de 1907 e 1908".

CONCLUSÃO

Foi minha intenção, e espero tê-la alcançado, demonstrar que a presença das associações portuguesas no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que acompanhou as transformações da cidade e sua configuração espacial, concordes com a generalidade das outras associações, como, por exemplo, na opção pela localização das sedes no Centro, com originalidade, proclamando pela via da arquitetura o orgulho da nacionalidade portuguesa e os valores da comunidade lusitana imigrante.

Trabalhei com alguns exemplos, escolhendo associações existentes no período de 1903 a 1912 cujas sedes nesse período foram identificadas, algumas delas ainda hoje existentes. No entanto, é com pesar que se observa que hoje alguns desses prédios estão abandonados ou tiveram seu uso fortemente alterado, o que acarretou a ocultação de muito do seu conteúdo informativo enquanto documentos monumentos. Seria interessante, e um grupo de pesquisadores brasileiros está propondo um projeto nesse sentido, levantar as várias associações portuguesas ou luso-brasileiras que existiram, buscando resgatar seus documentos arquitetônicos, bibliográficos ou arquivísticos. O avanço da pesquisa geral sobre associativismo no Rio de Janeiro que desenvolvo poderá também ajudar a identificar outras associações que, por forte presença de portugueses, tinham um caráter nacional subjacente, como entidades de caráter sindical, das quais podem ser exemplos a Sociedade União Comercial dos Varejistas de Secos e Molhados, que, quando extinta, legou seu prédio à Obra Portuguesa de Assistência, instituição fundada em 1921, e a Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, onde era numerosa a presença lusitana. Isso ampliará as possibilidades de, por meio da busca de fontes remanescentes, entre livros, arquivos ou prédios, se entender melhor as associações portuguesas e a própria sociedade brasileira.

FONTES

Arquivo Nacional – *BR AN F2/MAP.466.4/5*. Planta da cidade do Rio de Janeiro e de uma parte dos subúrbios / organizada e desenhada pelo Major E. de Maschek. – Escala 1:10.000. – Leipzig, Alemanha: gravura de Giesecke & Devrient; editores – proprietários Laemmert & Cia., [189-?]. 1 planta imp.: color.; 84 x 105 cm.

Arquivo Nacional – *BR AN QD/MAP.25.47/3*. Planta da cidade do Rio de Janeiro compreendendo todos os melhoramentos executados pelo governo e prefeitura municipal. – [Sem escala]. – [s.l. s.n.], 1907. 1 mapa imp.: color.; 47 x 57 cm.

Arquivo Nacional – *BR AN F2/MAP.190 63/5*. Planta da cidade do Rio de Janeiro / Prefeitura Municipal, Diretoria Geral de Obras e Viação. – Escala 1:15.000. – [s.l.: s.n.], 1915. 1 mapa imp.; 77 x 136 cm.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Commércio. Diretoria Geral de Estatística, 1923 – *Recenseamento do Brazil: realizado em 1 de Setembro de 1920: II Volume*, *1.ª parte: população do Rio de Janeiro (Districto Federal)*, Rio de Janeiro, Typ. da Estatística. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br. Acesso em 26.01.2007.

BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Diretoria Geral de Estatística, 1895 – *Recenseamento do Distrito Federal: cidade do Rio de Janeiro: 31 de Dezembro de 1890*, Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger.

BRASIL, 1907 – *Recenseamento da cidade do Rio de Janeiro (Districto Federal) realizado em 20 de Setembro de 1906*, Rio de Janeiro, Oficina da estatística. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br. Acesso em 26.01.2007.

BIBLIOGRAFIA

CARINHAS, Teófilo (1929) (org.), *Álbum da colônia portuguesa no Brasil*, Lisboa: Oficinas Gráficas de Varinhas & Cia. Ltda.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da (2006), "Associativismo português no Rio de Janeiro, 1903-1909", in *Portugueses no Brasil: migrantes em dois* atos, org. Ismênia de Lima Martins e Fernando Sousa, Niterói: Muiraquitã.

LESSA, Carlos (2002) (org.), *Os lusíadas na aventura do mundo moderno*, Rio de Janeiro: Record.

ROEDEL, Hiran (2002), "Comunidade portuguesa na cidade do Rio de Janeiro: mobilidade e formação de territórios", in *Os lusíadas na aventura do mundo moderno*, org. Carlos Lessa, Rio de Janeiro: Record.

NOTAS

1 FONSECA, 2006: 136-161.

2 Os censos de 1906 e 1920 foram digitalizados e estão disponíveis no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (http://biblioteca.ibge.gov.br/).

3 Os mapas integram o acervo da área de documentos cartográficos do Arquivo Nacional.

4 CARINHAS, 1929.

5 LESSA, 2002: 26. O autor afirma que entre 1890 e 1914 a entrada de italianos foi maior do que a de portugueses, mas que no computo geral, da independência aos dias atuais, a primazia é portuguesa.

6 LESSA, 2002: 17. A excepcionalidade do número de portugueses no Rio de Janeiro é tão grande que o censo de 1950, ao apontar a existência de 196 000 portugueses na cidade, o torna a terceira maior cidade portuguesa no mundo.

7 BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA…, 1923: 59.

8 As paróquias, ou freguesias, circunscrições eclesiásticas de uma diocese, com igrejas e padres próprios para atendimento à população até pelo regime de Padroado, funcionaram também como base territorial da administração civil desde a Colônia até fins do séc. XIX. O Estado leigo, implementado pela República, vai manter a mesma caracterização geográfica, passando a denominar cada uma dessas áreas de distritos ou, mais tarde, bairros.

9 BRASIL. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA…, 1895: 174-175.

10 A. N. – *Map. 466*.

11 BRASIL, 1907: 210.

[12] A. N. – *BR AN QD/MAP.25.47/3*.

[13] "Nesse caso, São Cristóvão é o bairro que melhor enuncia, ainda hoje, a presença portuguesa na cidade do Rio de Janeiro" (ROEDLE, 2002: 138).

[14] BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA…, 1923: 210.

[15] A. N. – *Map. 190*.

[16] Essa documentação integra o fundo do 1.º Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, custodiado pelo Arquivo Nacional do Brasil.

[17] Várias das características de várias das associações acima foram analisados em FONSECA, 2006.

[18] A. N. – *Map. 190*.

[19] Fotos retiradas de CARINHAS, 1929: 113 e 127.